

Tal percepção tem dados: a Associação Brasileira para Reciclagem de Resíduos da Construção Civil e Demolição (Abrecon), estima uma produção diária de 520 kg desses materiais por habitante no País – valor em consonância com o índice do Ministério do Meio Ambiente Pelo menos 98% dos resíduos gerados pelas construções são plenamente reversíveis, mas, das cerca de 290 toneladas de entulho geradas diariamente no País, apenas 21% são recicladas.

Primeiramente, se vê necessário reimaginar a forma de como a operação da cidade se dá, ou seja, reformular a fórmula, porém não como uma fórmula solucionadora, mas como ações no sentido da exposição de um fato que organiza possíveis atos-relativos, entendidas como ferramenta de organização de produção e reprodução da vida, estas sim capazes de construir pequenos (porém contínuos) movimentos de resposta, pensadas à margem da lógica proprietária capitalista. Pensar em outras bases não desvalida a construção de algo novo, ou projeto de algo novo, devir de um outro mundo, mas talvez seja necessário uma releitura a partir do reconhecimento da existência em demasia de paisagens disfuncionais construídas na cidade, dos quais facilmente podemos encontrar em grandes metrópoles em transformação.

Segundamente, Reimaginar a logística de se construir a cidade, desde a sua forma mais primordial, através da extração de recursos, até o seu manejo, por meio da formação das cidades e, mais especificamente, do objeto construído, a edificação (pensada dentro de um conjunto de sistema de ações materiais no espaço material e imaterial do território urbano). Se o problema não está na quantidade em que se constrói, mas sim na forma que se constrói ou se construiu, não há sentido hoje julgar necessário levantar novas edificações, mas sim remanejar, repropor e, neste sentido, procurar algum sentido para novas formulações espaciais em que a arquitetura pode contribuir para melhorar a vida das pessoas no espaço urbano. O que nos resta se construir já não é suficiente? podemos construir arquitetura destruindo e restituindo as próprias estruturas que nos fizeram chegar até aqui?

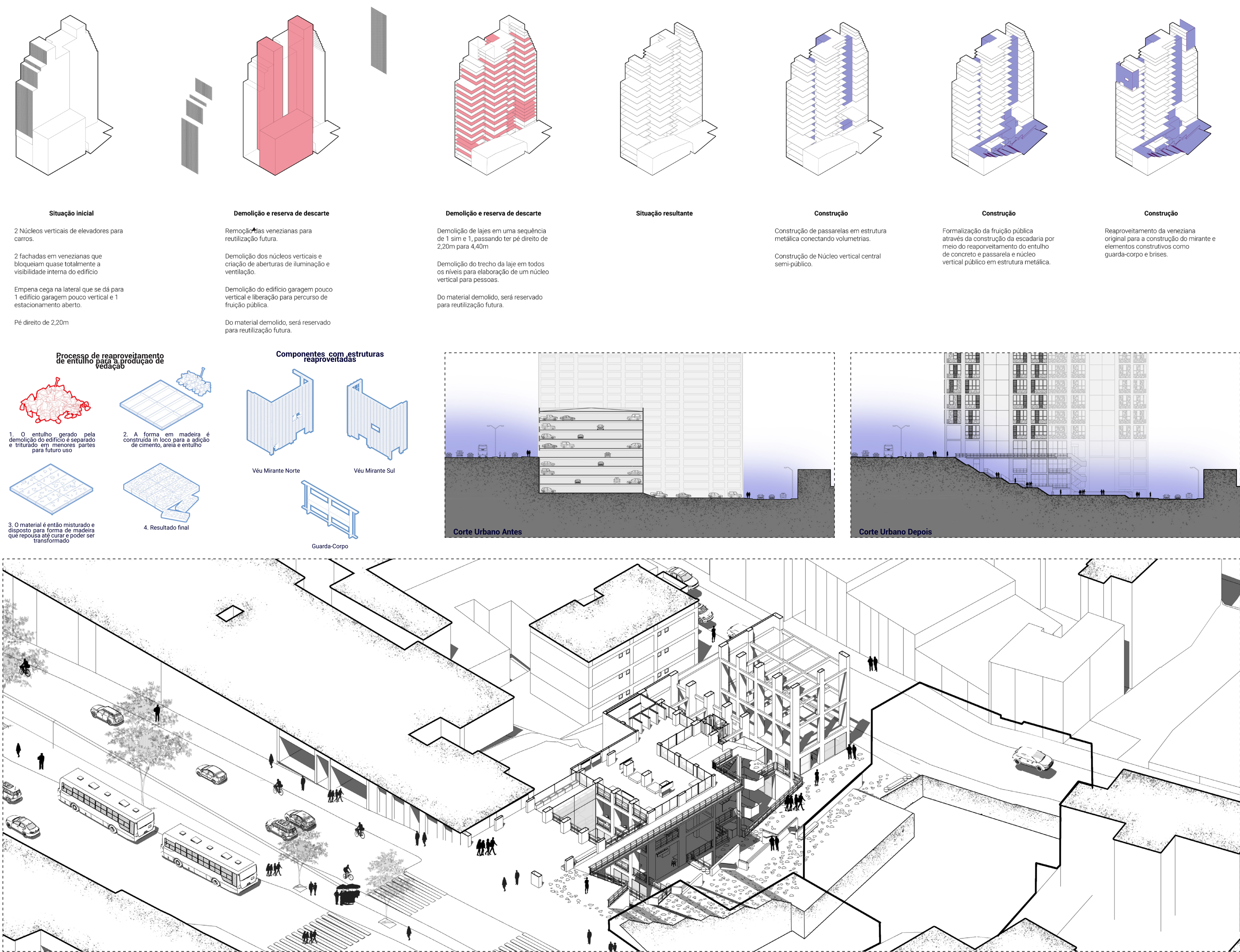
Considerando a soma dos aspectos críticos citados: Déficit habitacional, superávit construtivo, ineficiência urbana, segregação espacial e desperdício material-construtivo, o trabalho propõe, como contribuição prática, a reconfiguração de um conjunto de edifícios garagem no centro de São Paulo, convertendo-o em um espaço multifuncional para fruição pública, habitação coletiva e educação. A intervenção prevê a demolição parcial para criar ambientes ventilados e iluminados com brises metálicos, reutilizando as venezianas originais e a incorporação de resíduos de demolição na construção de novos elementos estruturais. O térreo se tornaria um espaço público de convivência, com acessibilidade ampliada e integração ao tecido urbano. Nos subsolos, propõe-se a criação de oficinas de marcenaria e serralheria, uma Escola para Jovens Adultos (EJA) e um anfiteatro comunitário. Os pavimentos superiores seriam reformulados para abrigar unidades residenciais de 30 m² a 120 m².

Pensar um projeto isoladamente, a partir das premissas colocadas, parece inviável. No entanto, ao conceber um sistema, é possível estabelecer estratégias de atuação em etapas. Nesse contexto, a intervenção em edifícios-garagem surge como hipótese inicial, explorando novas possibilidades de ocupação para estruturas urbanas disfuncionais. Em um primeiro momento, busca-se revelar usos alternativos possíveis para essas edificações, transformando espaços subutilizados em locais de habitação coletiva e convívio social. Em um segundo momento, considera-se a ativação dos subsolos, permitindo que a cidade não apenas cresça para cima, mas também se expanda para baixo.

Como estratégia de resignificação espacial, propõe-se a criação de clarões que permitam a entrada de luz e ventilação, trazendo salubridade e visibilidade a esses ambientes. O edifício escolhido para esse ensaio projetual é compreendido como um volume monolítico a ser esculpido e revelado, rompendo com suas empenas cegas e limitações tradicionais. A proposta consiste em sua transição de um espaço destinado a carros para um ambiente voltado às pessoas. Esse novo uso resignifica a edificação, promovendo acessibilidade e integração comum em um novo espaço urbano, que valoriza a preexistência e preserva a memória material do edifício, reconhecendo seu ciclo produtivo.

O programa arquitetônico busca, acima de tudo, otimizar o transporte e valorizar o tempo das pessoas. Hoje, deslocamentos diários de até duas horas entre casa e trabalho são comuns, causando exaustão física. Criar habitações coletivas em áreas centrais bem servidas por infraestruturas deixa de ser apenas uma alternativa viável e passa a ser uma necessidade urgente. A produção do espaço urbano deve estar intrinsecamente ligada à qualidade de vida das pessoas, unindo moradia, alimentação, lazer e trabalho de maneira integrada a uma rede urbana.

O conceito de construção na destruição âncora o projeto na ideia de que a cidade deve ser compreendida como um eixo de transformação, onde espaços públicos e coletivos se tornam instrumentos de emancipação social e mudanças culturais, econômicas e urbanísticas. Dessa forma, a arquitetura se posiciona como ferramenta essencial para reimaginar a cidade, resignificar seus espaços e garantir que a urbanização atenda, de fato, às necessidades humanas.



**PREMIAÇÃO
CAU/SP**

Prêmio de TCC e de Boas Práticas em Arquitetura e Urbanismo

Modalidade TCC

promoção
CAU/SP
Conselho de Arquitetura
e Urbanismo de São Paulo

organização
ib instituto
de arquitetos
do brasil

Folha nº

2/2